

## Retrato de um doente

**Geneviève Gigand**, Lienen, 9 de Maio de 2005

Chamo-me Geneviève Gigand. Já vivo há muito tempo na Alemanha. Fazem agora 33 desde que vim para a Alemanha, e os primeiros 23 anos da minha vida passei em França. Desde a minha chegada à Alemanha que foi o meu desejo dar aulas e pintar e, neste âmbito, sentia-me plenamente realizada como francesa na Alemanha, e o meu redor encantava-me.

Há três anos que vivo em Lienen, uma pequena cidade próximo de Osnabrück, no norte da Vestefália. A paisagem e a natureza fazem-me sentir bem e aproveito cada oportunidade que se me oferece para me realizar. Fiquei a saber o diagnóstico da doença por casualidade muito cedo, mas há dez anos que a doença me começou a afectar na verdade.

Um pequeno comentário humorístico à margem: foi depois de uma visita banal a uma vidente, que me disse: "Possivelmente tem um problema de saúde". Nessa ocasião decidi então consultar um médico, que me disse que os meus valores podiam evoluir negativamente. Aquilo chamava-se na altura "gamopatia monoclonal".

E o médico disse-me ainda: "Neste momento não podemos fazer nada por si. Os seus ossos estão saudáveis, e não tem nenhum problema orgânico, só deve ter cuidado com infecções." E com estas palavras fiquei totalmente tranquila.

No ano de 1994, fui de férias com a minha mãe às Ilhas Canárias. Fui tomar banho e, na manhã seguinte, levantei-me com uma infecção em ambos os ouvidos. Isso significava que tinha de voltar imediatamente para casa; tomaram-me por louca; apanhei um avião de regresso a casa; tive de voltar, tive que voltar urgentemente, mesmo que isso também representasse um risco bastante grande. Assim que cheguei, fui operada, e depois de uma prova ao sangue, o médico veio-me visitar no dia seguinte e disse-me: "Sabe que tem uma doença sanguínea, não é verdade?"

E foi como tudo começou. Cheguei a um ponto em que não entendia nada. Foi mesmo um choque. Isto foi há dez anos.

Não sabia absolutamente nada sobre o mieloma múltiplo naquela altura. Não podia imaginar nada por essa doença. Naquela época chama-se "plasmocitoma", mas essa palavra também não me dizia nada. Teve que ser observado, e o meu médico não me explicou do que se tratava, nem lhe perguntei. Nem sequer me passou pela cabeça perguntar-lhe. E creio que, naquela altura, nem queria saber realmente que tinha algo grave. Vivi quase dez anos, sem saber exactamente de que tipo de doença sofro.

Depois tive que começar rapidamente uma quimioterapia, e uma amiga recomendou-me um médico em Berlim que, durante meio ano, (ri-se) me tentou convencer que era a altura de a começar.

Isto foi um ponto muito importante para mim ser apoiada por um médico que tomou um pouco em consideração a minha personalidade, que se concentrou nos aspectos importantes e que, além disso, foi capaz de esperar, pois realmente necessitei desse tempo.

E então decidi-me e comecei o tratamento. Consistia em infusões, infusões com quimioterapia e cortisona. E lembro-me que a primeira vez que regresssei a casa estava em boa forma. E disse-me a mim mesma: "Vai funcionar." E já não tinha medo nenhum. O tratamento repetia-se de duas em duas semanas, mais tarde de quatro em quatro semanas, e creio que o tratamento durou, pelo menos, três anos. E durante todo esse tempo já tinha voltado a dar aulas na escola. Quer dizer, podia dar aulas apesar de estar em tratamento. Ou seja, tolerei-o muito, muito bem. E ninguém sabia de nada.

No ano de 2001, tive uma recaída. Foi horrível, porque até me tiveram que fazer diálises, os rins tinham deixado de funcionar. Mas penso que voltei a ter muita sorte: depois de três semanas de diálises, os meus rins recuperaram completamente, talvez até funcionam agora melhor do que antes.

Desde o ano de 2001 que pensei várias vezes voltar a trabalhar, mas entendi rapidamente que não seria capaz de aguentar o ritmo, que me ia submeter a um esforço demasiado grande. E que, na verdade, tinha de abandonar o trabalho. E desde 2002 que estou agora reformada. Desde 2001 que continuei então a minha quimioterapia e desde há dois meses tenho este novo tratamento, pois a doença, ainda a continuo a ter. E o meu estado de saúde nem sempre foi muito estável e tínhamos de encontrar uma alternativa. Este medicamento, Velcade, só está há venda há um ano. E, à primeira vista, já está a surtir efeitos.

Primeiro era um segredo: só os meus amigos sabiam que sofria desta doença. Creio que o mieloma múltiplo, assim é como o chamo agora, faz parte de mim. Sempre necessitei de amigos, sempre necessitei de pessoas com quem falar, mesmo que fosse num café. E agora existe a possibilidade de encontrar grupos como o Centro contra o cancro em Osnabrück, que tanta ajuda oferece, especialmente às pessoas com carências, com falta de contactos, de informação. E saber que, para além disso, há outras coisas que podemos fazer juntos.

Penso que, quando se tem uma doença, existe sempre a possibilidade de fazer qualquer coisa, de melhorar a situação. O mais importante é falar, encontrar realmente uma possibilidade para se reunir com pessoas que estão na mesma situação, mesmo que seja só através da Internet.

Creio que a grande sorte que tive foi encontrar o meu companheiro e ter a coragem para empreender uma aventura e tentar viver da forma mais normal possível. Isto foi realmente muito, muito importante para mim, creio. Sim, penso que foi o mais importante.

Considero que o mais importante para as pessoas com esta doença é tentar fazer todo o possível para superar este medo. Embora não seja fácil libertar-se do medo, pode-se integrá-lo. E o medo é um veneno.